

Educação Centrada em Estudantes

práticas e conversações

A inspiração para a organização deste livro, que conta com 29 autores, se iniciou com nossa viagem até Helsinque, em 2018. Já conhecíamos através de Carl Rogers o paradigma Centrado em Estudantes, porém a viagem nos possibilitou contato com a prática e os resultados humanos dessa revolucionária maneira de lidar com a educação. A partir daí, engajadas em promover aprendizagens mais significativas, construções coletivas, relações mais afetuosas/respeitosas e estruturas mais horizontalizadas na educação, decidimos reunir pessoas de diferentes contextos, culturas e vivências para, de maneira bastante concreta e propositiva, oferecer possibilidades de transformação para a educação. Acreditamos em uma educação que se pautar na empatia, reconhecendo e valorizando os aprendizes como sujeitos históricos, sociais e interseccionais que devem ter suas subjetividades respeitadas. Gostaríamos que ao lerem as experiências finlandesas, brasileiras e chilena, as leitoras e os leitores refletissem sobre a necessidade de ressignificarmos relações e práticas educacionais no Brasil, onde coerção e disciplina não sejam prioritários em relação à liberdade de ensinar e aprender e à necessária curiosidade do aprendiz. Boas reflexões e conversações! As organizadoras.



Editora CRV

Educação Centrada em Estudantes

Fernanda Fochi Nogueira Insfran
Juliana Crespo Lopes
(Organizadoras)

Educação Centrada em Estudantes

práticas e conversações

Fernanda Fochi Nogueira Insfran
Juliana Crespo Lopes
(Organizadoras)



CAPÍTULO 11

O ENSINO E A PESQUISA NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: para além dos muros das Instituições Superiores de Ensino

Vera Lucia Pereira Alves¹

O convite para escrever este capítulo me foi feito na semana em que, casualmente, constatei que o ano de 2019 indicava meu jubileu de prata no ensino *outsider* da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). O presente texto passa a ter, assim, uma conotação de balanço, daqueles que se fazem na maturidade. Concebo-o como um presente, agradeço às organizadoras deste livro pelo convite e peço licença ao leitor para escrever em primeira pessoa. Apresento minha experiência pessoal seguida pela compreensão que dela consigo aqui construir.

Estes 25 anos de ensino de ACP se concretizaram na oferta de grupos de estudo, cursos de extensão e cursos de formação em psicologia clínica na ACP. Embora eu também tenha sido, simultaneamente, por cerca de 10 anos, professora e supervisora em cursos de psicologia de três instituições de ensino superior (IES) privadas, todas situadas no estado de São Paulo, além de professora visitante em cursos de especialização em diferentes estados brasileiros, trato aqui apenas do período ininterrupto de ensino da ACP no formato que nomeio *outsider*, assim chamado porque acontece fora de qualquer sistema formal de ensino. O espaço físico para estes cursos tem sido meu próprio consultório, onde trabalho há mais de 30 anos como psicoterapeuta.

Ser *outsider* é algo que aprecio muito, principalmente em momentos como os que vivemos na sociedade brasileira, em que as instituições tendem a um enrijecimento de normas no trato com seus usuários, ensejando um retrocesso, notadamente gritante na área da educação. Não ter que engessar programas, ementas e cronogramas; poder seguir a direção desejada pelo grupo de alunos; transitar por conceitos, reflexões e práticas; tudo isso é um processo que muito me enriquece e que, acredito, propicia ao aluno uma aprendizagem significativa.

No entanto, isto não significa delinear o processo de ensino de forma aleatória. Sempre me senti incomodada com uma visão de muitos psicólogos

¹ Endereço eletrônico para contato: vera@alves.com.br

acerca da ACP, e que considero distorcida, sobre uma prática em que o psicólogo é visto como bonzinho e amigo, respaldado numa teoria superficial. Por discordar absolutamente desta visão, minha intenção no ensino da ACP é oferecer aos participantes de meus grupos e cursos um conhecimento aprofundado que os afaste de tal visão, além de permitir contra ela argumentar. Deste modo, ser *outsider*, para mim, não é sinônimo de prática leiga ou de ausência de fundamentação; ao contrário, é tentar praticar a riqueza científica, via de regra localizada numa IES, em um ambiente distante do sistema oficial de ensino.

É do meu estilo de trabalho, da minha forma de ensinar e quase de uma necessidade intrínseca ao meu fazer em psicologia, que todo o processo esteja fundamentado. Tanto assim que para escrever este texto, mesmo que um relato de experiência, fui buscar subsídios para construir uma compreensão em diálogo com a teoria.

Minha surpresa foi não encontrar estudos acerca do tipo de pedagogia informal que constitui o ensino via grupos de estudos e cursos de formação e que é igualmente comum a várias abordagens de psicologia. Apenas um livro, resgatado de minha própria biblioteca e com mais de uma década de publicação, registra uma pesquisa de mestrado sobre grupos de estudo (Canello, 2007). Enquanto o autor considerou estes grupos, de que usualmente participam psicólogos após a graduação, como um processo “informal, nômade e tradicional”, eu, por minha vez, considero que os grupos de estudos e cursos de formação que tenho oferecido propiciam, tanto para mim quanto para os participantes, uma certa formalidade, mesmo não sendo tradicionais.

Da oferta de grupos de estudos à oferta de cursos de formação e extensão

Ofereci grupos de estudos de 1994 a 2007. De 2008 até a presente data, tenho oferecido cursos de formação e cursos de extensão, estes com 15 a 40h de duração. Os cursos de formação contemplam 180 a 200h e duram cerca de um ano e meio a dois anos, com frequência quinzenal ou mensal. Tanto os grupos de estudo como os cursos de formação e de extensão portam sempre uma programação, mesmo que flexível.

Acredito que os cursos se constituem, por vezes, em processos fixos (não nômades, como refere Canello, 2007) porque tenho alunos que seguiram os grupos por muitos anos, continuando depois em supervisão e/ou frequentando cursos de extensão. Considero-os revolucionários – não tradicionais – porque têm permitido, em dose menor do que eu gostaria (confesso), executar, no decorrer ou logo após a finalização, estudos e/ou pesquisas que se materializam na publicação de artigos em periódicos conceituados em nosso país.

Compreendo minha prática pedagógica na ACP marcada por este trânsito entre informalidade e formalidade – práticas do sistema oficial circulando pelo ensino *outsider* e ensino *outsider* sendo avalizado por sistemas oficiais – como exemplificado na “oficialização” dos certificados a que recorri.

Alunos que buscam uma sustentação teórica e prática para o trabalho em psicologia clínica, por vezes, precisam comprovar a participação em grupos de estudo ou cursos de um modo mais formal, com certificados que possibilitem reconhecimento e que permitam pontuação em concursos e processos seletivos para diferentes locais de trabalho – públicos ou privados. Alguns processos seletivos pontuam cursos de formação com declarações emitidas pelos professores ou facilitadores, porém outros exigem, para pontuação de curriculum, mais do que uma declaração. Deste modo, me preocupei que os certificados fornecidos ao final dos meus cursos tivessem maior chance de pontuação. Para tanto, busquei um aval da Associação Paulista da Abordagem Centrada na Pessoa (APACP) para assinar comigo os certificados oferecidos na conclusão dos cursos, seja na formação, seja na extensão.

Assim, meus cursos constituídos por um ensino distante de normas e regras institucionais delas se aproxima na preocupação com o desenvolvimento científico e no benefício prático de um certificado melhor pontuado. Aprecio muito estes trânsitos e, diferentemente de Canello (2007, p. 20), que referia criticamente que “os recém-formados de hoje não se interessam tanto por um tipo de formação que valoriza antes o conhecimento do que a pontuação curricular”, acredito e viabilizo que o interesse pela formação possa se alinhar à necessidade de pontuação curricular. Não é porque a atualidade demanda uma maior atenção às exigências curriculares que o interesse pelo conhecimento deixa de existir. Tanto assim que meus cursos de formação oferecem possibilidade de pontuação sem deixar de propiciar o tipo de conhecimento buscado em grupos de estudo.

Este trânsito pela formalidade vem ocorrendo desde a mudança da oferta de grupos de estudo para cursos de formação. O primeiro curso de formação que ofereci foi em 2008, coincidentemente no ano em que saí da última IES em que lecionei. Digo coincidentemente porque a oferta do curso não foi motivada pelo desligamento da universidade, e sim por um pedido dos participantes de meus grupos de estudo.

Inicialmente, os grupos de estudo eram oferecidos para um número máximo de 5 alunos, pois era o que meu espaço físico comportava. Os participantes pediam um espaço maior e “com carteiras para que possamos ter um apoio para escrever nossas notas” (sic). Os encontros semanais dos grupos eram permeados pela discussão de textos escolhidos conjuntamente e selecionados de forma a dar um entendimento da ACP em sua evolução teórica. Reflexões teóricas ilustradas pelas práticas de cada um dos participantes que, se não já

graduados, eram alunos do último ano dos cursos de psicologia. Foram 14 anos oferecendo grupos de estudo. Alguns com os mesmos participantes por anos seguidos e outros com participantes nômades, como refere Canello (2007).

Os atuais cursos de formação que ofereço não se diferenciam dos grupos de estudo no que tange ao conteúdo, à aprendizagem e à relação professor-aluno. Tratam-se de discussões em grupo sobre as leituras realizadas entre encontros em que todos, facilitador e alunos, buscamos conhecer mais. Eu, a facilitadora, tenho mais anos de experiência e posso elucidar conceitos, indicar pontos relevantes e pontos críticos, apontar bibliografias complementares, apresentar minha visão e compreensão da ACP. No entanto, são as questões e os apontamentos dos alunos que propiciam o crescimento e o conhecimento de todos nós. É a forma como vivenciamos este conhecimento que nos marca a todos.

Entretanto, os cursos de formação se diferenciam dos grupos de estudo pela sua estruturação e formalidade de oferta: têm data certa para começar e terminar; turmas fechadas (máximo de 12 alunos); programação e certificado. A programação é flexível e segue, por vezes, a necessidade do grupo, tendo temas que podem ser trocados ou ministrados por um professor convidado.

Via de regra, a programação perfaz um caminho que aborda a história de vida de Carl Rogers, a história da ACP, a proximidade da ACP com o pensamento fenomenológico-existencial, a teoria de personalidade desenvolvida por Rogers, a proposta para o atendimento clínico e as diferentes práticas clínicas alinhadas à ACP, além da discussão de atendimentos realizados pelos membros do grupo. A teoria é sempre abordada de forma a ser ilustrada pela prática clínica. Esta prática é o foco do curso, e não necessariamente a psicoterapia, tanto que o nome do curso é Formação em Psicologia Clínica na ACP.

Trata-se de um enfoque que revela meu apreço pela prática do atendimento de uma atenção clínica alinhada à noção de clínica ampliada (Campos, 2014), algo que considero não apenas essencial para quem trabalha no serviço público: é uma postura que enriquece em demasia a prática tradicional da psicoterapia, enfatizando-a com uma atenção social.

Esta mudança de grupos de estudo para cursos de formação, mesmo que estrutural, não me fez criar uma instituição de ensino. Há um nome fantasia para o espaço em que ministro os cursos, mas não se trata de uma empresa de ensino. O nome do espaço homenageia o colega de Carl Rogers, John Wood de quem fui aluna e admiradora. O Espaço de Estudos e Pesquisas na Abordagem Centrada na Pessoa Dr. John Keith Wood foi assim batizado em 2011.

Os cursos de extensão têm em torno de 20 a 40h de duração e acontecem de forma mais intensiva, sendo oferecidos para interessados que tenham sido ou não alunos dos cursos de formação. São cursos que, por vezes, compreendem

um tema da formação, como, por exemplo, a teoria de personalidade desenvolvida por Rogers, ou sobre noções de psicopatologia versus ACP e sobre atendimento ao grupo familiar, assunto que é meu tema recorrente de estudo.

O processo de ensino-aprendizagem nos cursos de formação

Minha experiência de ensino nos atuais cursos é marcada pelo mesmo prazer presente nos grupos de estudo. Prazer em ensinar sem me prender aos ditames de sistemas oficiais de ensino. Prazer em poder criar meu próprio estilo, seguindo programação flexível e me atendo a normas quando úteis para a introdução do aluno no mercado de trabalho. Prazer em trabalhar de forma séria para o reconhecimento construtivo da ACP no nosso país. Prazer em poder compartilhar do nascimento daquele indivíduo como psicólogo, como refere Canello (2007, p. 108), facilitando a implementação “da rede de relações intersubjetivas [... compartilhando] significações objetivadas [...] até que o aprendiz sinta que sua identidade de psicoterapeuta está construída”.

Desta minha jornada é tocante constatar quantos são os alunos que chegam para o curso recém-formados e começando a prática clínica, ou até antes desta se iniciar. Buscam, como dizem, sentirem-se seguros antes de começar o trabalho num consultório. Outros encontram-se vivenciando o mesmo momento, contudo, por estarem pela primeira vez tentando adentrar na prática clínica, pois mesmo que formados há algum tempo, trabalham em outras áreas, via de regra, a organizacional. Uns já chegam com mestrado (completo ou iniciado), outros se sentem estimulados para seguir, após o curso, a carreira acadêmica, e alguns chegam quando já são professores em universidades, ministrando disciplinas de psicologia humanista. Mesmo os que já atuam na área afirmam que participar do curso era algo há muito desejado, como forma de obter maior sustentação para suas práticas. O grande desejo que constato nos alunos é se instrumentalizar para a prática clínica (privada ou social, em consultório ou outras áreas). Alguns, menos do que eu gostaria, passam a frequentar ambientes da ACP, como grupos de encontro e fóruns. Um número maior frequenta palestras e jornadas.

Daquilo que escuto deles, identifico o prazer em aprender e se focar no conteúdo escolhido de uma forma que referem como uma possibilidade de vivenciar os próprios conceitos da ACP, tanto no sentido educacional como pela própria experiência de convivência em grupo durante o curso.

Minha tentativa de compreender a experiência dos alunos, algo que se dá no decorrer dos cursos, foi ampliada face à minha mobilização pessoal pelo jubileu de prata que me fez pensar mais sistematizadamente sobre meus cursos, bem como decorreu de um convite/proposta para conversar sobre cursos

de formação e especialização em ACP no Brasil no XIII Fórum Brasileiro, que aconteceu em Ipojuca, Recife. Estas duas motivações surgidas, sincronicamente, levaram-me a solicitar aos alunos um feedback mais "formal".

Assim, resolvi pedir aos ex-alunos de formação uma avaliação do curso e seu significado para a vida profissional. Enviei a cada um o link de um formulário do Google onde puderam responder anonimamente questões que norteariam meu entendimento da importância ou não da formação oferecida. Sem pretender qualquer ênfase comprobatória e sem querer tentar qualquer tratamento estatístico destas respostas, constatei que suas explicações circularam em torno dos benefícios do curso em torná-los mais seguros na realização da atividade clínica, "lapidando" suas práticas. Muitos referiram como significativo o conhecimento de literatura não vista na universidade, o estreitamento de melhores e diferentes relações interpessoais entre o grupo de alunos, além de terem alterado sua visão de mundo e constataram mudanças pessoais em direção a uma crescente autenticidade. Cabe ressaltar que, das relações entre eles, alguns acabaram por trabalhar juntos e/ou se tornaram colegas de referência para encaminhamentos e para auxílios burocráticos como, por exemplo, no caso das questões com agências de saúde suplementar. Como ilustra Canello, estes grupos:

Envolvem seus participantes num denso clima emocional. Essa emoção, porém, não está ligada aos casos atendidos; prende-se ao envolvimento dos membros entre si, com a doutrina e, principalmente, com o orientador (Canello, 2007, p. 53).

Tal avaliação me induz a pensar que, como constatado por Canello (2007), os grupos de estudos não têm um estilo de ensino em oposição ao institucional, mas sim complementar. Trata-se, quer em grupos de estudos ou cursos de formação, na experiência por mim oferecida de possibilitar que se estude pelo desejo de saber. Um conhecimento que, por vezes, foi visto de forma muito resumida nos cursos de graduação e que se estabelece, agora, em um saber construído vivencial e grupalmente e que contribuirá, como refere o autor, para a "constituição do sujeito psicoterapeuta" (p. 24).

O formato de meus cursos e o jeito de ser na ACP

Eu me autorizei a começar a facilitação de grupos de estudo oito anos após a graduação e dez anos depois de ter iniciado minha própria formação na ACP em grupos de estudos. Era um momento em que redigia um projeto de pesquisa para a seleção para o mestrado, iniciado no ano seguinte. Acredito que ter iniciado "tarde" esta tarefa decorreu de minha exigência em trabalhar

de forma séria, me sentindo também segura em transitar pelos meandros da teoria e prática desta abordagem. Julgo “tarde” em contraste com o que vejo mais recentemente com pessoas com bem pouco tempo de graduação se autorizando a ensinar a ACP.

Todavia, acho que meu processo foi coerente com meus parâmetros para a missão pedagógica e, como já fiz referência, faz parte de meu jeito de ser, uma concentração no conhecimento aprofundado, notadamente da fundamentação teórica para o trabalho, mas também de uma prática congruente e autêntica de modo a sustentar a imprescindível empatia para este trabalho. Por vezes, passo a entender que, no ambiente da ACP, meus cursos são reconhecidos por este enfoque de aprofundamento teórico. Em alguns momentos os creio mal compreendidos por serem vistos como pouco vivenciais. É algo bem interessante quando confrontado com o feedback de alunos acerca de tantas mudanças pessoais e interpessoais que reconhecem ter girado em torno do curso. Para mim, estas “avaliações externas” transitam mais pelo imaginário de quem as constrói do que pela realidade. No entanto, podem também ser fruto daquela visão distorcida que apontei acerca da ACP.

Lembro-me sempre que ouvi de um colega, ao começar os cursos de formação, que não deveria ter comprado carteiras para meu espaço (aquelas pedidas pelos participantes dos grupos de estudo que, sentados em sofás de minha sala de atendimento, ficavam desconfortáveis ao tomar notas). Segundo esta pessoa, “bons cursos na ACP deveriam ser ministrados em almofadões pelo chão, pois estes é que identificariam o curso como vivencial...”. Na minha opinião, no tocante ao espaço físico, é importante oferecer condições de conforto aos participantes: carteiras para facilitar o registro escrito e colchonetes, caso queiram se acomodar de forma diferente. Considero, entretanto, que marcar o jeito de ser da ACP pelas condições físicas do espaço é algo bem limitante.

É deste limite que tenho procurado fugir como profissional e como facilitadora de cursos. Aliás, não se trata de fugir, mas sim de suplantar limites. Neste sentido, o que menos me alegra nos cursos que ministro é a pequena produção de material escrito, algo que a meu ver, poderia retirar muitos limites da ACP. Há 12 anos, quando Cancellato (2007) fez sua pesquisa sobre grupo de estudos e dizia ser uma marca destes “a ausência quase total de prazos e registros escritos” (p. 87), não se tratava de algo, digamos, empobrecedor, mas sim “natural” pela oposição que ele via entre o ensino institucionalizado e os grupos de estudos. Porém, creio que, atualmente, a não produção escrita é algo que dificulta o desenvolvimento da ACP no Brasil, ao menos de forma estruturada e que possa ser compartilhada.

Muitos de meus alunos têm atividades muito ricas, com uma grande peculiaridade, além de terem excelentes reflexões teóricas, o que gera matéria suficiente para uma boa produção escrita. Eu incentivo isto porque passei pela

vida acadêmica, porque sou apreciadora de pesquisas e porque ter concluído mestrado, doutorado e pós-doutorado me fez acreditar e não temer a realização de pesquisas fora do ambiente institucional, mesmo que por vezes dificultada pela falta de recursos financeiros, visto a ausência de subsídios institucionais para a pesquisa. Entretanto, neste momento, é possível acreditar que recursos institucionais para pesquisas também estejam chegando ao fim em nosso país...

Para dar conta deste desejo de produção escrita, já percorri diferentes trilhas. Fiz a experiência de solicitar a todos os alunos a produção de material escrito como parte obrigatória do curso de formação; fiz a experiência de solicitar somente aos que desejavam; e também fiz a experiência de não pedir produção escrita. Nenhuma das três alternativas me agradou quando sentia o aluno desagradado diante de tal missão. Atualmente não peço esta produção, mas tenho um grupo de aprofundamento em que os alunos avançam no estudo da ACP, prático e teórico, acessando material em língua estrangeira, refletindo sobre a peculiaridade de seus trabalhos e permitindo brotar deles próprios o desejo e a necessidade da produção escrita. Assim, fico menos satisfeita que meus alunos de cursos de formação não tenham todos eles o desejo da escrita, mas fico plenamente satisfeita em ver que alguns deles acabarão por serem estimulados para esta produção num momento posterior. Acabei também por refletir neste processo quais os significados e destinatários desta produção escrita. Ao aluno que quer ser bom clínico e não tem interesses acadêmicos, tal escrita pode não ter mesmo qualquer significado. À ACP, enquanto referencial de psicologia, seria muito significativo ser destinatária e fundamento de produções acadêmicas. Contudo, como nem sempre os desejos estão associados, aprecio e estímulo quando algum aluno os conjuga.

Finalizo este texto pedindo licença para o que pode ser visto como narcisismo, mas que para mim vale muito a pena ser registrado, pelo que talvez eu possa estar contribuindo para a ACP brasileira. Destes 25 anos dedicados à ACP, tive um número de participantes em grupos de estudos que não registrei. Dos 11 anos em que ministrei cursos de formação, foram 11 turmas com 72 formados. Neste período, também ofereci 13 cursos de extensão, em 311 horas, para 90 alunos. Sim, são números "institucionais". Mas felizmente, vivências nada institucionalizadas.

REFERÊNCIAS

- Campos, G. W. S. *et al.* (2014) A aplicação da metodologia Paideia no apoio institucional, no apoio matricial e na clínica ampliada. *Interface*, Botucatu, 18, 983-995.
- Cancello, L. A. G. (2007). *Informal, nômade, tradicional: Os psicólogos psicoterapeutas e seus grupos de estudo*. São Paulo: Summus.